
Pandemia da COVID-19 e Ageismo: Uma Revisão Integrativa

Iracema Abranches^{*,1}

Orcid.org/0000-0002-9881-2407

Lélio Moura Lourenço²

Orcid.org/0000-0003-3664-7335

*¹Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas,
Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, MG, Brasil*

*²Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social – NEVAS, Instituto de Ciências
Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, MG, Brasil*

Resumo

A pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) a partir de 2019 alterou a vida humana de forma contínua e significativa, sendo este fenômeno objeto de mensurações e estudos parciais até o momento, devido à grande diversidade de enfoques possíveis para análises da ciência. O objetivo deste estudo é descrever e analisar as discussões das produções científicas sobre o ageismo no contexto da pandemia da COVID-19, e de que forma os autores analisam o fenômeno. Para isso, quanto à metodologia, este artigo é uma revisão integrativa de literatura sobre o preconceito em relação à idade, ageismo, na pandemia da COVID-19, realizada entre julho de 2020 e novembro de 2021, nas bases de dados *Web of Science*, *MEDLINE/PubMed*, *Scopus*, *Biblioteca Virtual em Saúde*, *APA PsycInfo*. Após as fases de identificação, seleção e elegibilidade, foram incluídos 21 artigos para a categorização. O desenvolvimento deste estudo obedeceu à recomendação *PRISMA - Key Items for Reporting Systematic Reviews and Meta-analyses*. Quanto aos resultados, os artigos, em geral, identificam o crescimento do ageismo na pandemia, e destacam o efeito nocivo social e individual que este fenômeno acarreta. Quanto às limitações, os artigos experimentais apontam restrições metodológicas e situacionais, devido às dificuldades de pesquisa impostas pelo próprio período pandêmico, mas salientam a importância de estudos mais robustos e contínuos sobre o tema.

Palavras-chave: preconceito etário, ageismo, etarismo, discriminação, pandemia da COVID-19.

* Correspondência: Rua Aurora Tristão, 858, Bandeirantes, 36047-100, Juiz de Fora – MG, Brasil. Fone: (32) 99987-8243. iracemaabranches@gmail.com.

COVID-19 Pandemic and Ageism: An Integrative Review

Abstract

The pandemic caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2) from 2019 onwards changed human life in a continuous and significant way, and this phenomenon has been the subject of partial measurements and studies so far, due to the great diversity of possible approaches for analyses of the science. The objective of this study is to describe and analyze the discussions of scientific productions on ageism in the context of the COVID-19 pandemic, and how the authors analyze the phenomenon. For this, regarding the methodology, this article is an integrative review of literature on ageism, ageism, in the COVID-19 pandemic, carried out between July 2020 and November 2021, in the databases Web of Science, MEDLINE/PubMed, Scopus, Virtual Health Library, APA PsycInfo. After the identification, selection and eligibility phases, 21 articles were included for categorization. The development of this study followed the PRISMA recommendation - Key Items for Reporting Systematic Reviews and Meta-analyses. As for the results, the articles, in general, identify the growth of ageism in the pandemic, and highlight the harmful social and individual effect that this phenomenon causes. As for limitations, the experimental articles point out methodological and situational restrictions, due to the research difficulties imposed by the pandemic period itself, but emphasize the importance of more robust and continuous studies on the subject.

Keywords: age bias, ageism, discrimination, COVID-19 pandemic.

Pandemia de COVID – 19 y Discriminación por Edad: Una Revisión Integradora

Resumen

La pandemia provocada por el nuevo coronavirus (SARS-CoV-2) a partir de 2019 cambió la vida humana de forma continua y significativa, y este fenómeno ha sido objeto de mediciones y estudios parciales hasta el momento, debido a la gran diversidad de posibles abordajes para el análisis de la ciencia. El objetivo de este estudio es describir y analizar las discusiones de las producciones científicas sobre la discriminación por edad en el contexto de la pandemia de COVID-19, y cómo los autores analizan el fenómeno. Por ello, en cuanto a la metodología, este artículo es una revisión integradora de literatura sobre discriminación por edad, en la pandemia de COVID-19, realizada entre julio de 2020 y noviembre de 2021, en las bases de datos Web of Science, MEDLINE/PubMed, Scopus, Virtual Biblioteca de Salud y APA PsycInfo. Después de las fases de identificación, selección y elegibilidad, se incluyeron 21 artículos para la categorización. El desarrollo de este estudio siguió la recomendación PRISMA - Elementos clave para informar revisiones sistemáticas y metanálisis. En cuanto a los resultados, los artículos, en general, identifican el crecimiento de la discriminación por edad en la pandemia, y destacan el efecto nocivo social e individual que provoca este fenómeno. En cuanto a las limitaciones, los artículos experimentales señalan restricciones metodológicas y situacionales, debido a las dificultades de investigación impuestas por el propio período de pandemia, pero enfatizan la importancia de estudios más robustos y continuos sobre el tema.

Palabras-clave: prejuicio de edad, ageísmo, etarismo, discriminación, pandemia de COVID-19.

O envelhecimento da população mundial é uma realidade conhecida por estudiosos de áreas distintas, com consequências igualmente variadas, e pode ser considerado uma das transformações sociais mais significativas deste século, com repercussões em todos os setores da sociedade. A estimativa de crescimento no número de idosos era de que este número duplicasse até 2050 e aumentasse até 3,1 milhões de idosos em 2100. No entanto, devido principalmente aos efeitos da pandemia da COVID-19 e eventos como guerras, as projeções do crescimento da população com mais de 65 anos foram alteradas, com uma projeção de aumento de 10% em 2022 chegando a aumentar 16% em 2050, quando a população de idosos será quase o triplo da população de crianças com menos de cinco anos e similar à cifra populacional das crianças com menos de 12 anos. A projeção de expectativa de vida global ao nascer também foi alterada, passando de 72,8 anos em 2019 para 71,0 anos em 2021, sendo que é a primeira vez que isto ocorre desde 1972. Portanto, a população idosa permanece em crescimento, mas os impactos da pandemia da COVID-19 e eventos como a Guerra da Rússia e Ucrânia, por exemplo, interferiram também no índice e velocidade de aumento desta faixa populacional, segundo o documento da ONU, lançado em 11 de julho de 2022. A projeção anterior da ONU era de que a população mundial seria de 11 bilhões em 2050; esta nova projeção indica que a população do mundo em 2050 será de 9,7 bilhões, chegando a 10,4 bilhões em 2080 e permanecendo neste índice até 2100 (United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division [UN DESA], 2022). As implicações que o envelhecimento promove estão muito além do indivíduo, com importantes mudanças sociais, econômicas e culturais, que, por sua vez, também influenciam a forma como as pessoas vivem e envelhecem.

O valor social do envelhecimento transforma-se com o decorrer do tempo. Como afirma Debert (2010), o envelhecimento era muito valorizado no início do século XX, quando a publicidade anunciava cremes que deixavam grisalhos os cabelos dos jovens, a fim de conferir-lhes um

ar de maturidade e experiência, características desejáveis na sociedade da época. Da mesma forma, o mercado de consumo oferecia produtos como bengalas, óculos, cartolas, comendas etc. para que os jovens se vestissem de forma a aparentar mais idade, conseguindo, assim, o respeito social. No decorrer do século XX, o envelhecimento recebeu valores sociais diferentes, ocupando lugares menos nobres na sociedade em geral. Atualmente, a busca pela juventude e jovialidade reflete um panorama inverso de valorização social deste observado no século XX.

Moreira (2012) descreve o momento e possíveis razões para a modificação do olhar social sobre o idoso e explica que a realidade atual de desvalorização do envelhecimento se deu a partir da passagem da pré-modernidade para a modernidade, que marca a ruptura e o desprezo pelas tradições. A autora destaca que o homem pré-moderno era totalmente ligado às tradições, buscava no passado as suas referências; o homem moderno já valoriza o presente e o futuro, o novo e o que está por vir e, para isso, rompe com as tradições. A ciência moderna traz a promessa de um futuro melhor; assim, o velho é desqualificado e o jovem é a promessa do futuro. O homem pós-moderno valoriza o momento, o imediatismo, rompe com o passado e com o futuro, vive a urgência do agora, o que é fugaz, efêmero, o culto ao corpo eternamente jovem; assim, o idoso, com o corpo marcado, é uma visão que incomoda e é, quase sempre, rejeitada.

Estas transformações quanto ao valor social do envelhecimento envolvem também a manifestações dos preconceitos. Lima (2013) descreve a evolução conceitual do preconceito, citando desde Allport que, em 1954, fundamentou as análises sobre o tema, definindo o preconceito como uma atitude hostil em relação ao outro somente porque esse outro indivíduo pertence a um grupo diferente, desvalorizado pela sociedade, até autores que, com o tempo, acrescentam conceitos como discriminação, crenças, pertencimento grupal, poder, conduta normativa, emoções, erro cognitivo e outras contribuições teóricas. Lima defende, então, que o preconceito está presente

em relação a todo e qualquer grupo que seja desvalorizado socialmente, representando, assim, as várias formas que o preconceito pode assumir na sociedade e define o preconceito como um fenômeno inerente às relações de poder que existem entre os grupos. Cada grupo tem suas especificidades, mas, independentemente do grupo alvo do preconceito, existem, elementos em comum a todas as manifestações preconceituosas: (a) as diferenças entre os grupos são enfatizadas; (b) o sentimento de antipatia em relação àquele que pertence a outro grupo; (c) os alvos do preconceito são sempre vistos de uma forma homogeneizada; (d) as pessoas tentam manter as crenças, mesmo que existam evidências favoráveis ao grupo alvo de preconceito.

Myers (2014) define o preconceito de acordo com os mesmos preceitos históricos que Lima (2013), descrevendo o ABC das atitudes no preconceito: “afeto (sentimentos), intenção comportamental (predisposição para a ação) e cognição (crenças)” (Myers, 2014, p. 247). O autor define os estereótipos como crenças negativas, que servem à generalização, e podem ser negativas ou positivas, falsas ou mais ou menos verdadeiras. Um grande problema com os estereótipos ocorre quando tendem a uma generalização extrema ou quando são equivocados segundo Myers, pois podem incentivar, além do preconceito, a discriminação, que é definida como um comportamento negativo em relação ao objeto do preconceito e das crenças negativas. O preconceito é muito complexo e diversificado em suas consequências; neste estudo, o preconceito analisado é o etário, no contexto da pandemia da COVID-19; e, embora o preconceito etário não seja direcionado apenas aos idosos, essa é a faixa etária observada neste estudo.

A pandemia da COVID-19 se instalou mundialmente em dezembro de 2019 com a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2) para o homem, o que originou a *Corona Vírus Disease* (COVID-19). No dia 31 de dezembro de 2019, foi diagnosticado o primeiro caso da COVID-19 em Wuhan, China, e, em 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a COVID-19 como uma pandemia (<https://www.paho.org/pt/news/>).

Com isso, muitas ações de contenção, regulamentações de contato e distanciamento social e vários momentos de confinamento (*lockdown*) foram determinados em todo o mundo. Moura (2021) destaca que os idosos, desde o princípio, foram considerados como um grupo de risco, o que confere a eles um destaque nas orientações quanto à pandemia. Assim, as taxas de letalidade da COVID-19 entre indivíduos com 80 anos ou mais são 13 vezes maiores do que nas pessoas que estão na faixa etária de 50 a 55 anos, e 75 vezes maior do que aqueles que têm de 10 a 19 anos (M. Neri, 2020). Mas, este fato também direciona maior atenção para os idosos, o que pode originar manifestações sociais de apoio ou de desagrado, como mostram os resultados deste estudo.

O preconceito etário tem a mesma estrutura descrita por Lima (2013) e Allport em relação ao preconceito em geral, pois é originado a partir de uma diferença percebida em determinado grupo. O termo “ageismo” foi criado por Robert Neil Butler, médico, gerontólogo americano, em 1969, para descrever o preconceito relacionado à idade, o que pode ocorrer em todos os grupos etários. Ainda que seu trabalho tenha sido com os idosos durante toda a vida e de sua pesquisa sobre o ageismo ser direcionada a grupos de idosos, Butler descreve que este preconceito pode ser direcionado a qualquer idade (Achenbaum, 2014). Palmore (2004) definiu o termo “ageismo” como um acentuado preconceito e discriminação destinados às pessoas idosas, afirmando que o ageismo era o terceiro “ismo” identificado no ocidente, logo após o racismo e o sexismo. No entanto, autores como Costa (2021) e Palmore apontam uma diferença marcante entre esses tipos de preconceito porque, no ageismo, o preconceito é relacionado a um estado que todos podem alcançar se viverem o suficiente, ou seja, o preconceito é em relação a si mesmo, pois todos nós vivemos rumo ao envelhecimento. Isto não acontece no racismo ou sexismo porque as características dos grupos atingidos por esses preconceitos e dos que exercem o preconceito são diferentes. Palmore (2004, p. 41) define o ageismo como “o último preconceito”, a

“última discriminação”, a “rejeição mais cruel” justamente por ser um preconceito contra quem todo ser humano será, se tiver sorte.

Palmore (1999) classificou o ageismo em negativo e positivo, sendo o ageismo negativo o que se manifesta por atitudes hostis e agressivas, e o ageismo positivo o que é feito de atitudes benevolentes e protetoras, mas que situam a pessoa mais velha em um lugar de incapaz, inábil, infantil ou inútil. Com o desenvolvimento de pesquisas sobre sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 2001) e a partir do *Stereotype Content Model* (Fiske et al., 2002), Cary et al. (2017) destacaram o ageismo benevolente e o ageismo hostil como duas formas de manifestação do preconceito etário. Estes autores destacam que o *Stereotype Content Model* discorre sobre os estereótipos de idosos como ambivalentes, pois descreve percepções de idosos como pessoas calorosas, o que é um traço positivo, mas também como pessoas incompetentes, o que é um traço negativo. O resultado desta combinação é o preconceito paternalista. É importante perceber que o comportamento cordial ou educado em relação aos mais velhos não pressupõe um ageismo benevolente; tratá-los como pessoas incapazes ou infantilizá-los, sim. Em relação ao ageismo hostil, Cary et al. (2017) identificaram as atitudes e comportamentos agressivos, hostis, direcionados aos idosos, e que são mais facilmente identificáveis do que o ageismo benevolente, mais sutil. Por essa razão, Cary et al. apresentam uma escala que se destina a medir, além do ageismo hostil, também o benevolente (*Ambivalent Ageism Scale – AAS*).

Os julgamentos sociais do dia-a-dia são frequentemente baseados na idade, mas esses julgamentos se transformam em discriminação quando tornam legítimo o uso da idade cronológica para distinguir classes de pessoas que não recebem a mesma valorização social, recursos e condições de qualidade de vida que outras classes de pessoas (Bytheway, 2005; Goldani, 2010). Com esta observação, é possível afirmar que o preconceito etário influencia as políticas públicas, práticas sociais, ações governamentais que podem segregar e discriminar as pessoas

mais velhas (Couto et al., 2009). Além disso, Goldani (2010) destaca que o preconceito etário pode ter duas perspectivas, sendo uma psicológica que considera a percepção do envelhecimento, negação da morte, medo da deterioração mental e física, despertando sentimentos irracionais e dificultando a projeção do jovem como idoso; e a segunda perspectiva que suscita justificativas econômicas, fruto das economias capitalistas modernas que valorizam a alta produção mercadológica em detrimento das condições humanas de qualidade de vida.

Estas são categorias observadas nesta revisão, como a influência do ageismo nas políticas públicas e análise dos protocolos de atendimento, análise dos custos que o preconceito etário na pandemia acarreta, análise da percepção do ageismo pelos idosos e análise das manifestações do ageismo tanto na sociedade quanto na mídia. Costa (2021) defende que a pandemia da COVID-19 contribuiu para a exposição do preconceito e discriminação em relação aos mais velhos, o que é observado também nos textos selecionados neste estudo. Portanto, com o objetivo de analisar e identificar as discussões da produção científica sobre o ageismo no contexto da pandemia da COVID-19 e de que forma os autores analisam este fenômeno, esta revisão sistemática integrativa expõe a importância em se discutir e planejar ações de combate ao ageismo, em consonância com as ações mundiais da OMS, que fez a declaração da Década do Envelhecimento Saudável (2021 a 2030), com a finalidade de promover a qualidade de vida no envelhecimento, e com a publicação do Relatório Mundial de 2021 – Campanha Global de Combate ao Ageismo, com o objetivo de destacar esta forma de preconceito tão deletéria e estimular ações de conscientização e enfrentamento ao ageismo (WHO, 2021).

Metodologia

Este estudo é uma revisão sistemática integrativa de literatura que incluiu artigos publicados em 2020, 2021 e 2022, a partir das bases de dados: *Web of Science*, *Pubmed*,

Scopus, Biblioteca Virtual em Saúde e PsycInfo. O intervalo de tempo considerado nesta revisão é de julho de 2020 a janeiro de 2022.

A revisão sistemática integrativa é um método de pesquisa que, além da produção científica experimental, considera também a não experimental e a literatura empírica ou teórica, a fim de coletar informações sobre fenômenos específicos. Por essa característica, Broome (2000) destaca a revisão integrativa como uma das mais abrangentes revisões de literatura. Os critérios metodológicos desta revisão obedeceram ao protocolo PRISMA (<http://prisma-statement.org/>), que é uma forma de organizar, planejar e melhorar a produção científica, da busca até ao relato dos resultados. Assim, o fluxograma apresentado neste texto tem o objetivo de esclarecer as fases da revisão e seus resultados parciais.

Os critérios de inclusão consideraram artigos científicos e de opinião, sendo artigos

de acesso livre pela Instituição (Universidade Federal de Juiz de Fora), que fossem textos completos e que contivessem os descritores no título e/ou resumo. Os critérios de exclusão consideraram comentários, revisões de literatura, teses e dissertações. Após a triagem dos artigos repetidos, da leitura dos títulos e resumos e da leitura flutuante dos textos, o total de artigos selecionados para a leitura integral foi de 21. A revisão de literatura se desenvolveu com a busca por termos definidos no DecsMesh, acrônimo de Descritores em Ciências da Saúde (<https://decs.bvsalud.org/>), sendo eles: “Pandemia COVID-19” AND “ageismo”; “Pandemia COVID-19” AND “etarismo”; “Pandemia COVID-19” AND “preconceito etário”; “COVID-19 pandemic” AND “ageism”; “COVID-19 pandemic” AND “age discrimination”; “Pandemia da COVID-19” AND “discriminación por edad” e “Pandemia da COVID-19” AND “etarismo”.

Tabela 1

Identificação e Principais Informações dos Estudos Selecionados

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2020	1 - COVID-19 and ageism: How positive and negative responses impact older adults and Society	Monahan et al.	Examinar as respostas positivas e negativas em relação aos adultos mais velhos.	Análise de respostas sociais positivas e negativas	As respostas positivas: valor dos adultos mais velhos; as respostas negativas: preconceito etário, ageismo.
2020	2 - Pre-pandemic ageism toward older adults predicts behavioral intentions during the COVID-19 pandemic	Lytte et al.	Examinar as percepções pré-pandêmicas de idosos.	113 estudantes de graduação (mulheres = 39, homens = 74) com idades entre 18-19.	Na primeira fase do estudo (pré-pandemia), os resultados apontaram que o relato de preconceito de idade mais negativos previu menos intenções de ajudar. Na segunda fase do estudo (pandemia), o relato de mais preconceito de idade na fase pré-pandêmica previu menos intenções de ajudar.

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2020	3 - Age discrimination in critical care triage in South Africa: The law and the allocation of scarce health resources in the COVID-19 pandemic	Erasmus	Questionar o protocolo de triagem e admissão hospitalar baseado na idade.	Procedimentos e protocolos de triagem e admissão hospitalar com base na idade.	O autor conclui que os protocolos de triagem e admissão hospitalar precisam ser revistos.
2021	4 - Ageism in the time of COVID-19	Swift & Chasteen	Descrever os efeitos que a resposta à pandemia da Covid-19 tem em relação ao modo como as pessoas pensam e sentem a própria idade e as faixas etárias das outras pessoas.	Delineamento e reflexão sobre discurso em torno da pandemia (expressões da mídia, das redes sociais, das políticas públicas etc.).	Preconceito etário nas relações intergeracionais e fortalecimento da visão dos idosos como pessoas vulneráveis, exacerbando o preconceito etário, tanto benevolente quanto hostil.
2021	5 - Contact with older people, ageism, and containment behaviours during the COVID-19 pandemic	Visintin	Analisar as associações entre o preconceito etário e o comportamento de contenção imposto pela pandemia de Covid-19.	371 entrevistados (73% mulheres, média de idade: 34,44). Amostra oriunda de várias regiões da Itália.	O ageísmo benevolente foi mais detectado do que o ageísmo hostil, sendo associado a um comportamento de proteção; o ageísmo hostil foi associado à qualidade do contato com os idosos durante a pandemia.
2021	6 - The COVID-19 pandemic and older adults: Institutionalised ageism or pragmatic policy?	Harper	Analisar se o ageísmo na pandemia é um preconceito de idade institucionalizado ou uma política pragmática.	Opiniões, Editoriais, Comentários, notas de Organizações, dentre outros discursos veiculados na mídia em geral.	As instituições tendem a homogeneizar os seres humanos.

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2021	7 - Prioritizing health care and employment resources during COVID-19: Roles of benevolent and hostile ageism	Apriceno et al.	Explorar a prioridade dada aos adultos mais velhos nos contextos de saúde e emprego.	500 Estudantes universitários. (157 mulheres, 337 homens e 6 não listados).	Ageismo benevolente: previu maior prioridade para idosos. Ageismo hostil: previu menor prioridade para idosos.
2021	8 - Covid-19 e ageísmo: Avaliação ética da distribuição de recursos em saúde	Soares et al.	Discutir as manifestações e consequências do ageismo nas políticas de distribuição de recursos na pandemia, analisando as implicações bioéticas do ageismo.	Análise de algumas teorias que sustentam os protocolos de atendimento e de priorização na pandemia, relacionados ao preconceito etário.	O ageismo presente nos critérios para internação e atendimento transgride todos os princípios da dignidade humana e da ética, o que ficou ainda mais evidenciado na pandemia de Covid-19.
2021	9 - Counting the costs of ageism: Discrimination and COVID-19	Curryer & Cook	Analisar os custos individuais, sociais e econômicos do preconceito etário na pandemia.	Custos econômicos: desemprego, saúde, aposentadoria. Sociais: preconceito, discriminação. Individual: autoimagem distorcida, problemas de saúde física e mental.	É preciso questionar o preconceito e auxiliar no combate ao ageismo.
2021	10 - Ageism as a modifying influence on COVID-19 health beliefs and intention to social distance	Graf & Knepple Carney	Através do Modelo de crença na saúde, examinar o preconceito de idade em interação com outros fatores que influenciam na intenção da distância social.	960 participantes, com idade entre 18 e 73 anos, maioria identificada como homens (59,4%).	O ageismo benevolente e hostil influenciaram na percepção da ameaça e na intenção de distanciamento social. O ageismo influenciou negativamente o comportamento durante a pandemia.

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2021	11 - #Boomer-Remover: COVID-19, ageism, and the intergenerational twitter response	Skipper & Rose	Examinar as mensagens do Twitter (com o uso da hashtag #BoomerRemover) que discutem a pandemia de Covid-19.	862 tweets	Existe uma real divisão entre as gerações. Ganho político. O #BoomerRemover é desrespeitoso.
2021	12 - Culture linked to increasing ageism during Covid-19: Evidence from a 10-billion-word corpus across 20 countries	Ng et al.	Testar se as narrativas globais do envelhecimento se tornaram mais negativas de antes até durante a pandemia em 20 países.	Corpus de mídia on-line de 10 bilhões de palavras, consistindo de 28 milhões de artigos de jornais e revistas em 20 países.	Com a piora da pandemia, as narrativas do envelhecimento ficaram mais negativas em 20 países.
2021	13 - COVID-19 and quarantine, a catalyst for ageism	Barth et al.	Avaliar o preconceito etário que os adultos mais velhos experimentam.	20 adultos mais velhos com idade entre 63 e 92 anos, que moravam em casa, em dois condados no centro da França (12 mulheres e 8 homens).	Os adultos mais velhos da pesquisa se preocuparam mais com os efeitos do isolamento do que com a morte pelo Covid-19 ou com as políticas relacionadas ao cuidado com o idoso ou ainda com as experiências vivenciadas de ageismo.
2021	14 - The twin faces of ageism, glorification and abjection: A content analysis of age advocacy in the midst of the COVID-19 pandemic	Naughton et al.	Analisar a defesa da idade nos textos selecionados como uma resposta à crise da Covid-19 e avaliar em que medida ela demonstra o preconceito etário como um processo de alteridade.	Seis textos (779 afirmações com conteúdo relevante para análise).	O preconceito etário continua como uma forma de opressão tanto na prática quanto no discurso, ampliados no contexto da pandemia, tanto nas instituições quanto na sociedade em geral.

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2021	15 - Measures of self-and other-directed ageism and worries concerning COVID-19 health consequences: Results from a nationally representative sample of Israelis over the age of 50	Ayalon & Cohn-Schwartz	Pesquisar a autopercepção do envelhecimento e a percepção da discriminação por idade como importantes preditores de preocupação, considerando o aumento de ageismo na pandemia de Covid-19.	976 adultos com 50 anos ou mais (Israel).	Impacto potencialmente negativo do ageismo na pandemia.
2021	16 - Ageism in COVID-related newspaper coverage: The first month of a pandemic	Jen et al.	Examinar de forma crítica as evidências de ageismo em fontes da mídia nacional durante o primeiro mês da Covid-19.	287 artigos dos principais jornais em circulação dos EUA	Linguagem preconceituosa em relação a adultos mais velhos. O discurso do ageismo implícito foi identificado como mais frequente; o discurso explícito e as críticas ao preconceito foram raros.
2021	17 - Perceived ageism during the Covid-19-crisis is longitudinally related to subjective perceptions of aging	Kornadt et al.	Investigar se a percepção do preconceito de idade influencia a forma como os adultos mais velhos percebem seu próprio envelhecimento.	611 participantes, faixa etária entre 60-69, 70+.	Em julho, não houve percepção dos efeitos do ageismo sobre a autopercepção do envelhecimento. Em outubro, a percepção do ageismo foi associada ao aumento da autopercepção do envelhecimento como declínio físico e perda social. Aumento do ageismo na pandemia.
2021	18 - Ageism in the COVID-19 pandemic: Age-based discrimination in triage decisions and beyond	Rueda	Demonstrar que usar a idade como critério único para a triagem nos atendimentos durante a pandemia é uma prática preconceituosa injustificável.	Narrativas da mídia e de suposições sem referência científica.	A perspectiva interseccional pode auxiliar na diminuição do preconceito de idade e na triagem nos serviços após a pandemia.

Ano	Artigos	Autores	Objetivos	Características da Amostra	Principais Resultados
2021	19 - Calculated ageism: Generational sacrifice as a response to the COVID-19 pandemic	Barrett et al.	Analisar as respostas na rede social Twitter ao que chamam de 'preconceito etário calculado'.	Análise temática de 188 tweets que responderam à declaração do Dan Patrick, Tenente Governador do Texas.	90% dos tweets se opuseram ao preconceito etário. 5% apoiou a declaração do político. 5% não definiu uma posição frente à declaração de Dan Patrick. A oposição teve como motivos aspectos morais, político-econômicas, valor dos idosos e saúde pública. O apoio foi justificado pela responsabilidade individual e patriotismo.
2021	20 - The relationship between ageism and well-being as mediated through COVID-19-related experiences and discourses	Hopf et al.	Contribuir com os estudos sobre o ageismo, visto o impacto negativo que o preconceito etário exerce na pandemia.	Análise temática de 27 entrevistas com idosos.	Registro de três formas específicas de representação homogênea discriminatória dos idosos como grupo: estigmatização, paternalismo e bode expiatório.
2022	21 - Ageism towards older and younger people in the wake of the COVID-19 outbreak	Werner et al.	Avaliar as crenças que os leigos têm sobre a idade no contexto da pandemia.	503 adultos israelenses (51,9% homens, com idade média de 47 anos).	O ageismo é mais significativo em relação aos mais jovens do que em relação aos mais velhos. Isso foi justificado pela cultura do país, que valoriza os idosos.

Resultados e Discussão

De acordo com a metodologia desta revisão, os primeiros achados resultaram em 1460 documentos. Excluídos os duplicados, o número ficou em 655 documentos para a leitura dos títulos. Após a leitura dos títulos, que incluiu os artigos que apresentassem a combinação dos termos utilizados na busca e que fossem de acesso livre e texto completo, e excluiu os documentos que caracterizavam teses, dissertações e outras revisões de literatura, o número de artigos ficou em 43 para a leitura dos resumos. Com a leitura

dos resumos, 32 artigos foram selecionados para a categorização. Na fase da categorização, quatro documentos foram excluídos por serem comentários, um artigo por não ser de acesso livre, e um artigo por não ser escrito em inglês, português ou espanhol, idiomas considerados nesta revisão. Desta forma, foram 21 artigos para a categorização. Destes, oito são de abordagem quantitativa, seis qualitativa (sendo 12 estudos transversais e dois longitudinais) e sete teóricos. Em 2020, são quatro artigos publicados e, em 2021, são 16.

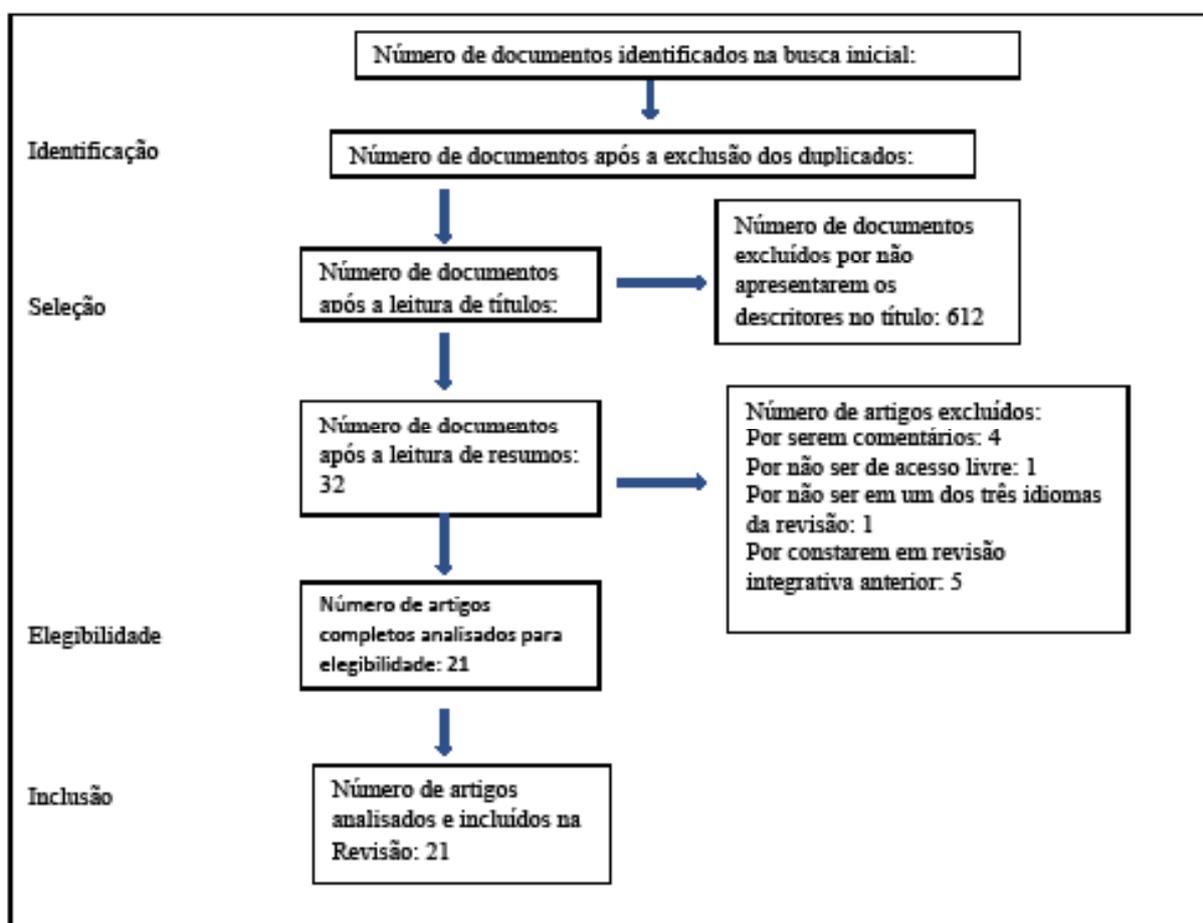


Figura 1. Diagrama de Fluxo dos Procedimentos da Pesquisa.

Em relação aos locais de origem institucional dos autores, estão distribuídos da seguinte forma: Estados Unidos (EUA) são oito; EUA e Canadá (um); Israel e EUA (um); Israel (um); Itália (um); França (um); Austrália (um); África do Sul (um); Reino Unido (um); Áustria e Irlanda (um); Bélgica (um); Portugal (um); Cingapura

(um); Brasil (um). Quanto à amostra, dois artigos analisaram tweets, mensagens da rede social Twitter (188 e 862 twtees); oito artigos desenvolveram pesquisas com participantes voluntários (113 estudantes de graduação; 500 pessoas, sendo 157 mulheres e 337 homens e seis não listados; 976 adultos com mais de 50 anos;

960 participantes; 27 idosos; 611 pessoas entre 60 e 98 anos, na 1ª fase, e 523 na 2ª fase; 371 respondentes, com idade média de 34,44; e 503 adultos com idade média de 47 anos); três artigos analisaram textos, palavras na rede virtual e artigos de jornal (287 artigos de jornal; seis textos de defensores da idade em relação à COVID-19, ou seja, que defendem o atendimento prioritário às pessoas mais velhas na pandemia; e 11.504 colocações que foram avaliadas para criar uma pontuação cumulativa de envelhecimento por mês, extraídas de um corpus de mídia on-line de 10 bilhões de palavras, consistindo de 28 milhões de artigos de jornais e revistas em 20 países).

As categorias de análise dos artigos foram:

- 1. Análise das manifestações do preconceito etário nas mídias sociais e mídia em geral (com sete artigos / 33,33%);
- 2. Análise das manifestações sociais quanto à situação das pessoas mais velhas na pandemia (com seis artigos / 28,57%);
- 3. Análise das percepções que os mais velhos têm do ageismo na pandemia (com quatro artigos / 19,04%); e
- 4. Análise dos protocolos de triagem hospitalar com critério etário e custos da pandemia (com quatro artigos / 19,04%).

As categorias foram definidas pelos objetivos em comum entre os artigos selecionados.

Tabela 2
Categorias de Análises dos Artigos Selecionados

Categorias	Artigos
01 – Análise das manifestações do preconceito etário nas mídias sociais e mídia em geral. 7 artigos / 33,33%	<ul style="list-style-type: none"> • Ageism in the time of COVID-19 (4) • The COVID-19 pandemic and older adults: Institutionalised ageism or pragmatic policy? (6) • # BoomerRemover: COVID-19, ageism, and the intergenerational twitter response (11) • Culture linked to increasing ageism during covid-19: evidence from a 10-billion-word corpus across 20 countries (12) • The twin faces of ageism, glorification and abjection: A content analysis of age advocacy in the midst of the COVID-19 pandemic (14) • Ageism in COVID-related newspaper coverage: The first month of a pandemic (16) • Calculated ageism: Generational sacrifice as a response to the COVID-19 pandemic (19)
02 – Análise das manifestações sociais quanto à situação das pessoas mais velhas na pandemia. 6 artigos / 28,57%	<ul style="list-style-type: none"> • COVID-19 and ageism: How positive and negative responses impact older adults and Society (1) • Pre-pandemic Ageism toward older adults predicts behavioral intentions during the covid-19 pandemic (2) • Contact with older people, ageism, and containment behaviours during the COVID-9 pandemic (5) • Prioritizing health care and employment resources during COVID-19: Roles of benevolent and hostile ageism (7) • Ageism as a modifying influence on COVID-19 health beliefs and intention to social distance (10) • Ageism towards older and younger people in the wake of the COVID-19 outbreak (21)

Categorias	Artigos
03 – Análise das percepções que os mais velhos têm do ageismo na pandemia 4 artigos / 19,04%	<ul style="list-style-type: none"> • COVID-19 and quarantine, a catalyst for ageism (13) • Measures of self-and other-directed ageism and worries concerning COVID-19 health consequences: Results from a nationally representative sample of Israelis over the age of 50 (15) • Perceived ageism during the Covid-19-crisis is longitudinally related to subjective perceptions of aging (17) • The relationship between ageism and well-being as mediated through COVID-19-related experiences and discourses (20)
04 – Análise de políticas públicas e dos protocolos de triagem hospitalar com critério etário e custos da pandemia 4 artigos / 19,04 %	<ul style="list-style-type: none"> • Age discrimination in critical care triage in South Africa: The law and the allocation of scarce health resources in the COVID-19 pandemic (3) • Covid-19 e ageísmo: Avaliação ética da distribuição de recursos em saúde (8) • Counting the costs of ageism: Discrimination and COVID-19 (9) • Ageism in the COVID-19 pandemic: Age-based discrimination in triage decisions and beyond (18)

Quanto aos resultados, os artigos, em geral, identificam o crescimento do ageismo na pandemia, e destacam o efeito nocivo social e individual que este fenômeno acarreta. Quanto às limitações, cada artigo empírico aponta restrições metodológicas e situacionais, devido às dificuldades de pesquisa impostas pelo próprio período pandêmico, mas salientam a importância de estudos mais robustos e contínuos sobre o tema. Apriceno et al. (2021), por exemplo, sugerem que estudos posteriores precisariam investigar a generalização de seu estudo, pois, até onde os autores podem afirmar, o estudo que desenvolveram é o único que analisa os dois tipos de ageismo no contexto de cuidados com a saúde. Ayalon e Cohn-Schwartz (2021) apontam a limitação de seu estudo principalmente por ter sido realizado em um país somente e por seus instrumentos de medida não avaliarem todo o contexto em que pode ocorrer o ageismo e, principalmente, o ageismo benevolente. Skipper e Rose (2021) destacam as limitações que a própria rede virtual apresenta em sua natureza, por conter muitas informações inverídicas como as *fakes news*. Por isso, é preciso que os pesquisadores conheçam seus ambientes de

pesquisa em profundidade e considerem estes limites. Graf e Knepple Carney (2021) apontam limitações relacionadas à amostra, pois a amostra de seu estudo envolveu jovens adultos acima de 50 anos, com nível intelectual superior, o que pode influenciar os resultados. Os autores indicam que as pesquisas precisam considerar as características da amostra para não generalizarem os resultados, pois tais características podem interferir de forma significativa nos desfechos dos estudos. Os demais autores de pesquisas experimentais descrevem limitações coerentes com as descritas acima.

Categoria 1. Análise das Manifestações do Preconceito Etário nas Mídias Sociais e Mídia em Geral

A Categoria 1 contém sete artigos, ou seja, 33,33% dos estudos, que recebem os números 4, 6, 11, 12, 14, 16 e 19 na Tabela 1). Swift e Chasteen (2021) refletiram sobre o discurso em redes sociais diversas e mídias, e o quanto que tais discursos podem influenciar a percepção que as pessoas têm da própria idade e da idade dos outros. Os autores discorrem sobre o ageismo hostil e o ageismo benevolente, ressaltando

o impacto do preconceito etário nas relações intergeracionais. O fortalecimento da visão dos idosos como pessoas vulneráveis é, para os autores, causa e consequência do ageísmo, o que estigmatiza ainda mais as pessoas mais velhas e aumenta a distância entre as gerações. Swift e Chasteen indicam que o ageísmo foi exacerbado na pandemia, fato observável nos discursos analisados por eles (artigo nº quatro).

Harper (2021) analisa discursos onde é possível detectar o preconceito etário na pandemia e busca comentários feitos por agências e instituições, governamentais ou não, além de editoriais, opiniões e mídia em geral. Com o objetivo de questionar se o ageísmo na pandemia é um preconceito de idade institucionalizado ou uma política pragmática, Harper conclui com sugestões para que o leitor reflita sobre a relação entre a concepção de envelhecimento individual e coletiva (o que pode ser muito diferente de acordo com a cultura, educação, gênero, ou seja, todas as peculiaridades e constituição que envolvem as pessoas e grupos sociais) e a forma como as instituições consideram o envelhecimento, pois estas tendem a homogeneizar os seres humanos. O autor sugere que os efeitos da internalização da vulnerabilidade do idoso pelo próprio idoso devem ser analisados pela sociedade porque este fato pode influenciar demasiadamente a relação intergeracional (artigo nº seis).

Skipper e Rose (2021) examinaram 862 tweets no período de 16 a 23 de março de 2020, que utilizaram a hashtag #BoomerRemover, discutindo a pandemia da COVID-19. Como destacam os autores, as mensagens continham um preconceito etário declarado e, muitas vezes, agressivo. Concluíram principalmente que existe uma real divisão entre as gerações, a partir do fato de que há uma crença de que a hashtag #BoomerRemover é justificada e compensa, de certa forma, as diferenças entre as gerações, pois 19% dos tweets descreveram a COVID-19 como um fenômeno que elimina aqueles que causam problemas para os mais jovens como, por exemplo, ser uma geração que não se preocupa com a morte de outras gerações por não se importarem com as mudanças climáticas que

ajudaram a causar; outra conclusão dos autores a partir do que foi destacado pelos estudos é que os jovens também são afetados pela pandemia, o que não justificava o atendimento prioritário para os mais velhos; também destacam que há um ganho político porque existem mensagens relacionadas às políticas direcionadas ao tema; e, por fim, que o #BoomerRemover falta com o respeito com as pessoas, devido ao uso da hashtag para a promoção do preconceito etário (artigo nº 11).

Ng et al. (2021) fizeram uma pesquisa quantitativa transversal, e a amostra foi resultado de uma busca em um corpus de mídia on-line de 10 bilhões de palavras, que consistia em 28 milhões de artigos de jornais e revistas oriundos de 20 países. Com esses dados, os autores identificaram nove sinônimos comuns de “adultos mais velhos” e compilaram os descritores utilizados com mais frequência no período de outubro de 2019 a maio de 2020, o que culminou em 11.504 colocações (descritores). Estas colocações (11.504) foram avaliadas para que fosse criada uma pontuação cumulativa de envelhecimento por mês. O objetivo deste estudo foi examinar se as narrativas do envelhecimento se tornaram mais negativas com o transcorrer da pandemia, testar a incidência e mortalidade, além de identificar fatores culturais relacionados às narrativas do envelhecimento. Os resultados mostraram que as narrativas do envelhecimento ficaram mais negativas nos 20 países envolvidos na amostra com a piora da pandemia. Além disso, ironicamente, o envelhecimento durante a pandemia foi verificado nas narrativas por variáveis culturais (masculinidade, individualismo, evitação da incerteza e orientação a longo prazo), e não pelas taxas de incidência ou mortalidade da COVID-19 (artigo nº 12).

Dois artigos (14 e 16) analisaram textos, um que analisou seis textos de instituições nacionais ou internacionais que defendiam que o atendimento na pandemia da COVID-19 precisava considerar o critério etário (artigo nº 14); e outro que examinou 287 artigos dos principais jornais americanos, a fim de identificar as evidências de ageísmo durante o primeiro mês da

pandemia (artigo nº 16). Naughton et al. (2021) examinaram seis textos, a saber: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, “*Policy Brief: The Impact of COVID-19 on older persons*”; um resumo de questão mais curto, “*Idosos e COVID-19: Um momento de definição para uma resposta informada, inclusiva e direcionada*”; *Age Platform Europe*, “*COVID-19 e questões de direitos humanos para pessoas idosas*”; uma declaração conjunta dos editores das oito principais publicações gerontológicas americanas; uma declaração dos membros do conselho da *Canadian Association on Gerontology / Association Canadienne de Gérontologie* (CAG / ACG) e do *Canadian Journal on Aging / Revue Canadienne du Vieillessement* (CJA / RCV); e uma declaração do presidente e dos membros do Comitê Executivo Nacional da Sociedade Britânica de Gerontologia. As categorias de análise foram: Linguagem homogeneizante e Não homogeneizante / Glorificação e Abjeção. Os autores acreditam nas faces gêmeas do ageismo, representadas pelas categorias escolhidas para análise. Como conclusão, Naughton et al. (2021) apontam que esta dicotomia do preconceito etário realmente existe e pode ser observada independentemente da pandemia, com expressões antagônicas de valorização e abjeção ao idoso, além de destacarem uma percepção social hierárquica da meia-idade (que não tem uma idade normatizada) e uma velhice que é diferenciada; também observaram que os conceitos da gerontologia existentes são satisfatórios para definirem o preconceito e a discriminação por idade (artigo nº 14).

O outro artigo que analisa textos dos principais jornais dos EUA, de Jen et al. (2021), selecionou 287 artigos dos jornais *USA Today*, *The New York (NY) Times*, *Los Angeles (LA) Times* e *The Washington Post* a fim de examinar as evidências de ageismo nestes meios de comunicação durante o primeiro mês da pandemia da COVID-19. Jen et al. concluíram que a linguagem utilizada foi preconceituosa em relação aos idosos, sendo mais caracterizada por um ageismo implícito. Os autores destacam que esta mídia veiculou, principal-

mente, imagens e textos sobre a própria doença, morte ou falta de atendimento no período da pesquisa (artigo nº 16).

Barret et al. (2021), também analisaram as mensagens do Twitter, no entanto as que estavam relacionadas a um evento específico, a declaração de Dan Patrick, Tenente Governador do Texas, que encorajava os idosos a saírem de casa e a movimentarem os serviços e a economia, para que os mais jovens não fossem expostos ao vírus e nem prejudicados com a queda econômica devido à pandemia, definida como um preconceito etário calculado. Os autores realizaram uma análise temática de 188 tweets que responderam à declaração de Dan Patrick, considerando os tweets de apoio, oposição ou crítica. A maioria das respostas manifestaram oposição ao preconceito etário (90%), 5% apoiaram a declaração e 5% não definiram um posicionamento frente à declaração do político. Barret et al. (2021) ressaltaram que os motivos dos que se opuseram à declaração envolveram aspectos morais, políticos, econômicos, o valor dos idosos e a saúde pública; os motivos declarados pelos apoiadores de Dan Patrick foram relacionados à responsabilidade individual e patriotismo (artigo nº 19).

Os artigos que discutiram as manifestações do ageismo nas mídias sociais e mídia em geral trouxeram um panorama que envolve o espaço virtual, que se configura como uma característica muito significativa. Autores como Castells (2005) e Levy (2010) já denunciavam que o virtual, o cyberspaço ou a realidade virtual são termos utilizados para definir um local fluido, sem forma definida, sem limite visível, sem identidade única e, para muitos, sem leis ou parâmetros de convivência social harmoniosa. Desde sempre, então, o virtual é foco de estudos que debatem seus pontos positivos e negativos. Mas, no caso dos artigos discutidos nesta revisão, o uso das redes sociais teve como objetivo agredir as pessoas mais velhas na pandemia, evidenciando um preconceito etário cruel.

Assim como os resultados demonstram mensagens agressivas aos idosos, também demonstram que a maioria das pessoas condenou a

violência nas declarações ageístas nas redes sociais, o que revela uma reação contra o preconceito. Díaz (2017) comenta que a privacidade na internet é uma falsa percepção, assim como o anonimato; as redes sociais são um falso panóptico digital, pois o que define um panóptico, ver sem ser visto, não faz parte da realidade virtual, mas da ilusão virtual. Assim também são as consequências das ações nas redes sociais (linchamento virtual, *cyberbullying*, cancelamentos de pessoas nas redes sociais, *fake news* etc.), como isolamento de pessoas ou grupos que são alvos dos ataques na internet, agressividade social, violência individual ou coletiva, depressão, adoecimento, atitudes extremas como o suicídio, dentre outras. Por isso, é tão importante destacar as agressões pelas redes sociais e veículos de comunicação virtual, porque podem atingir de forma significativa a vida das pessoas; e as consequências atingem a todos e a todo o sistema político, de políticas públicas, econômico, social, cultural e humano.

Categoria 2. Análise das Manifestações Sociais quanto à Situação das Pessoas Mais Velhas na Pandemia

A Categoria 2 contém seis artigos, ou seja, 28,57% dos estudos, que recebem os números 1, 2, 5, 7, 10 e 21 na Tabela 1. Monahan et al. (2020) apontaram que as respostas positivas podem reforçar o valor dos adultos mais velhos, assim como as respostas negativas podem reforçar o preconceito etário. Os autores definem como respostas positivas aquelas que têm como objetivo proteger as pessoas da contaminação pelo vírus da COVID-19, como, por exemplo, o distanciamento social, os horários diferenciados para o atendimento dos idosos no comércio e em instituições bancárias ou governamentais, a prioridade de vacinação para os mais velhos, aproximação dos familiares dos idosos a fim de acompanhá-los etc. Como respostas negativas, os autores destacam a agressão social aos mais velhos, observadas na mídia em geral. Além disso, alertam para o efeito reverso que as respostas positivas, inadvertidamente, podem

ter, como a solidão ou a sensação de inutilidade social que podem acometer os idosos no distanciamento social, pois as respostas positivas foram percebidas por uma parcela dos idosos participantes dos estudos como um ageísmo benevolente, ou seja, na intenção de proteger os mais velhos, as respostas positivas aumentaram a sensação de inutilidade e fardo social nos idosos. Monahan et al. (2020) concluem, então, que o ageísmo foi intensificado na pandemia (artigo nº um).

Lytle et al. (2020) realizaram um estudo longitudinal com o objetivo de examinar as percepções pré-pandêmicas sobre os idosos e se estas previam intenções comportamentais pró-sociais específicas na pandemia. Para isso, Lytle et al. fizeram uma pesquisa online em duas partes, uma no outono de 2019 (de 12 de setembro a 6 de dezembro de 2019) e outra parte na primavera de 2020 (de 16 de abril a 12 de maio de 2020). Os participantes foram 113 estudantes de graduação (39 mulheres e 74 homens com idade entre 18 e 19) que relataram preconceito etário em outros estudos. Na primeira parte do estudo (pré-pandêmica), os principais resultados mostraram que os relatos de ageísmo mais negativos previram menos intenção de ajudar. Na segunda parte do estudo (contexto pandêmico), foi constatado que aqueles que percebiam os idosos como incompetentes no outono de 2019 apresentaram mais intenção de ajudar na pandemia (primavera de 2020), movidos por um sentimento de piedade segundo a suposição dos autores (artigo nº dois).

Visintin (2021) analisou as associações entre o preconceito etário e o comportamento de isolamento e contenção imposto pela pandemia da COVID-19. Como comportamento de contenção, o autor define, além do distanciamento, o uso de máscaras, luvas, sanitizantes etc., e explica que, apesar deste comportamento não ser destinado apenas aos idosos, a mídia destacou que o uso destes dispositivos de proteção visava ao cuidado com os mais velhos, mais suscetíveis à pandemia, conforme era propagado na época. O autor entrevistou 371 participantes com idade média de 34,44 anos, sendo mulheres (73%), pertencentes

a várias regiões da Itália; a entrevista foi realizada virtualmente com questionários (google forms), via redes sociais e e-mail. Como resultado, Visintin destacou que o contato dos participantes com pessoas mais velhas antes da pandemia era frequente e positivo, mas o ageísmo hostil foi associado à qualidade do contato com os idosos durante a pandemia. O ageísmo benevolente foi mais detectado do que o ageísmo hostil, sendo associado a um comportamento de proteção; e a utilização dos materiais de contenção obedeceu às recomendações da saúde pública (artigo nº cinco).

O ageísmo benevolente e hostil serviram como objeto de estudo também para Apriceno et al. (2021) no artigo que investiga se estas formas de manifestação do preconceito etário predizem quanta prioridade é dada aos adultos mais velhos na alocação de recursos na saúde e no emprego. Apriceno et al. realizaram uma pesquisa online com 500 estudantes universitários, sendo 337 homens; os resultados demonstraram que a forma como o ageísmo se manifesta influencia na percepção da distribuição dos recursos, pois aqueles que apresentaram o ageísmo benevolente previram maior prioridade para os idosos, enquanto que os que apresentaram o ageísmo hostil previram menos prioridade dos recursos para os adultos mais velhos (artigo nº sete).

Graf e Knepple Carney (2021) também investigaram o ageísmo benevolente e o ageísmo hostil e como podem influenciar na percepção da ameaça e na intenção do distanciamento social; assim, o objetivo do estudo foi de examinar o preconceito etário em interação com outros fatores que influenciam na intenção de cumprir com o distanciamento na pandemia. Os autores recrutaram os participantes pela internet, com anúncios virtuais. 960 participantes, com idade entre 18 e 73 anos, responderam aos questionários. Como resultado, o estudo demonstrou que o tanto o ageísmo benevolente quanto o ageísmo hostil influenciaram na percepção da ameaça e na intenção de distanciamento social de forma negativa (artigo nº 10).

A pesquisa de Werner et al. (2022) questiona o fato da literatura quase sempre associar o

ageísmo aos mais velhos. Sendo assim, os autores desenvolveram um estudo com 503 adultos israelenses (média de idade de 47 anos) para verificar as crenças que as pessoas têm sobre a idade no contexto da pandemia, tanto em relação aos idosos quanto aos mais jovens. Por meio de questionários virtuais, os participantes informaram aos pesquisadores que o ageísmo é maior em relação aos jovens do que aos mais velhos, com a crítica de que os jovens obedecem menos às regulamentações de distanciamento ou de utilização correta dos dispositivos de contenção (artigo nº 21).

Nesta categoria 2, o envelhecimento é apontado como um processo que é alvo de muita falta de conhecimento e de contato positivo entre as gerações (Lytle et al., 2020), o que alerta para as diferenças entre as pessoas de gerações distintas, e a forma como estava o mundo na época em que nasceram. As transformações ocorridas em nível mundial (como as grandes guerras, as doenças endêmicas ou pandêmicas, as novas tecnologias etc.) causam profundas modificações na sociedade em todos os aspectos, e a forma como as pessoas percebem a vida se diferencia de acordo com as vivências individuais e coletivas. Isso corresponde a dizer que o mundo em que nasceu alguém que está atualmente com 80 anos tem muito pouco do mundo atual; e essa pessoa precisa se adaptar para continuar a viver.

As pessoas mais velhas de hoje são as que nasceram antes de 1925, com mais de 97 anos, as que nasceram entre as duas grandes Guerras (1925 a 1944 / 78 a 97 anos – Geração Silenciosa) e os denominados *Baby Boomers*, nascidos entre 1945 e 1964, no período pós 2ª Guerra Mundial, em uma faixa etária atual de 58 a 77 anos. Estas gerações nasceram em um mundo com pouquíssima tecnologia, com possibilidades profissionais diferentes, constituição familiar com menos diversidade do que se tem atualmente, com outros desenhos de projeto de vida. A questão não é discutir que época é melhor, mas sim admitir que as diferenças existem e podem ser positivas se o preconceito etário for dirimido. Swift e Chasteen (2021) apontam um fator significativo nesta relação geracional com

o preconceito ao afirmarem que é preciso que o preconceito seja combatido nas gerações jovens agora, pois estes são os futuros idosos, e a visão preconceituosa da velhice pode ser altamente prejudicial para eles, uma vez que terão uma noção autolimitada de si mesmos, o que pode trazer consequências severas e negativas para a saúde e para a autonomia destas pessoas quando forem idosas.

Como os artigos apontam, as manifestações sociais de ageísmo na pandemia demonstraram que a desvalorização das pessoas mais velhas ocorre por motivos que os autores supõem, como as condições do homem pós-moderno ou por medo ou negação da morte, ou, como afirmam Cuddy e Fiske (2002) na Teoria da Modernização, por serem contemporâneos do avanço da ciência, da ampliação da educação, do avanço tecnológico e da movimentação geográfica que os enviou para centros maiores e mais supridos de informação. Todo esse cenário explica um pouco do ageísmo na atualidade, mas existem muitas análises que podem ser feitas a partir destas razões e de outras não descritas neste estudo; de qualquer forma, os artigos contidos nesta categoria são unânimes em dizer do efeito perverso do preconceito etário.

Categoria 3. Análise das Percepções que os Mais Velhos têm do Ageísmo na Pandemia

A Categoria 3 contém quatro artigos, ou seja, 19,04% dos estudos, que recebem os números 13, 15, 17 e 20 na Tabela 1. Barth et al. (2021) avaliaram o preconceito etário que os idosos experimentam através de entrevistas por telefone com 20 adultos mais velhos (63 a 92 anos) na França. A pesquisa contou com 12 mulheres e 8 homens; as categorias foram as experiências de ageísmo na quarentena, o relacionamento com família e amigos, os sentimentos relatados de discriminação e as experiências no final da quarentena. Os resultados mostraram que os idosos se preocuparam mais com o isolamento e seus efeitos do que com a morte por COVID-19 ou com as políticas públicas ou, ainda, com as

experiências de preconceito etário que viveram (artigo nº 13).

Com o desenho transversal de estudo, a pesquisa de Ayalon e Cohn-Schwartz (2021) envolveu uma amostra de 976 adultos com 50 anos ou mais, com o objetivo de investigar também a autopercepção do envelhecimento e a percepção da discriminação por idade como preditores da preocupação, considerando que o ageísmo foi intensificado na pandemia. Os autores realizaram entrevistas por telefone, e o estudo mostrou que a preocupação na pandemia realmente tem preditores significativos na autopercepção do envelhecimento e na percepção do ageísmo, além de sexo, situação financeira e doenças crônicas. Para Ayalon e Cohn-Schwartz, este resultado expõe o impacto potencialmente negativo do ageísmo na pandemia (artigo nº 15).

Kornadt et al. (2021) investigaram se a percepção do ageísmo influencia a forma como os adultos mais velhos percebem seu próprio envelhecimento. Em julho de 2020, os autores realizaram uma pesquisa por telefone ou pela internet com 611 participantes (idade entre 60 a 69 anos) sobre dados sociodemográficos, percepção da pandemia em Luxemburgo, qual a situação pessoal na pandemia, qual era a idade percebida, o envelhecimento subjetivo e outros fatores de risco e resiliência. Em outubro de 2020, a mesma pesquisa foi feita com 523 participantes (dos 611 anteriores). Para Kornadt et al., houve aumento do ageísmo na pandemia, pois os resultados demonstraram que, na primeira parte do estudo, em julho de 2020, não havia uma percepção clara dos efeitos do ageísmo sobre a autopercepção do envelhecimento. No entanto, em outubro de 2020, a percepção do preconceito etário foi associada ao aumento da autopercepção do envelhecimento, assim como o declínio da força física e da perda social (artigo nº 17).

Hopf et al. (2021) realizaram uma pesquisa com idosos na Áustria e Irlanda, e analisaram 27 entrevistas sobre as experiências que tiveram, até então, com a pandemia, e sobre a percepção que têm do preconceito etário nas políticas públicas e discursos relacionados à COVID-19,

bem como as implicações que tais fatos podem ter para o bem-estar pessoal, analisando qual o impacto negativo que o preconceito etário exerce nos indivíduos no contexto pandêmico. Hopf et al. observaram que os idosos registraram três formas específicas de discriminação dos idosos como grupo, a estigmatização, o paternalismo e o bode expiatório, identificados como impactos no bem-estar individual (artigo nº 20).

Os artigos que relataram as percepções que os mais velhos têm do ageísmo na pandemia descreveram aspectos importantes do processo de envelhecimento, como o fato dos adultos mais velhos participantes das pesquisas demonstrarem maior preocupação com o isolamento na pandemia do que propriamente com a doença, ou o fato de que a percepção do envelhecimento é subjetiva, uma vez que é influenciada pelas condições físicas, mentais, econômicas, culturais, familiares e sociais do idoso. Estes dados evidenciam a importância do contato social, familiar e grupal do ser humano, especificamente das pessoas mais velhas. Além disso, a percepção do ageísmo ocorreu, em alguns destes estudos, a partir da percepção do envelhecimento especificamente na pandemia, destacado como uma condição de dependência. O paradigma *Life-Span* (desenvolvimento ao longo da vida) fundamentou a Psicologia do Envelhecimento e é, até hoje, sua principal base, sobre a qual se desenvolvem estudos, novas metodologias e propostas teóricas na área (A. L. Neri, 2006); e também considera todo o contexto e subjetividade para pesquisar a percepção do envelhecimento. Assim, é possível compreender as diferenças de percepção do envelhecimento de acordo com o local de origem do adulto mais velho, sua cultura e condição de vida, tanto física quanto mental, o que é corroborado por Uchôa (2003) ao dizer que o significado da velhice depende das referências pessoais e culturais dos sujeitos. Considerando o contexto, dois artigos que têm pessoas mais velhas israelenses destacaram o ageísmo em relação aos mais jovens, com expressões recorrentes que os identificavam como irresponsáveis e negligentes com os procedimentos de segurança na pandemia, como o distanciamento social e uso de máscaras,

destinando aos jovens a responsabilidade pelo ressurgimento do vírus, e não tanto em relação aos idosos, o que foi justificado também como uma consequência da valorização social dos mais velhos em Israel, demonstrada pela classificação em 18º lugar do país no índice *AgeWatch*, dentre 96 países. O índice *AgeWatch* é uma medida da ajuda estrutural que uma determinada sociedade oferece aos seus idosos (Werner et al., 2022).

Categoria 4. Análise dos Protocolos de Triagem Hospitalar com Critério Etário e Custos da Pandemia

A Categoria 4 contém sete artigos, ou seja, 19,04% dos estudos, que recebem os números 3, 8, 9 e 18 na Tabela 1. Erasmus (2020) questiona o protocolo de triagem e admissão hospitalar *Clinical Frailty Scale* (CFS), utilizado na África do Sul e em outros países da África e Europa, que suspendeu progressivamente a admissão em UTIs com base na idade, mesmo para aqueles que estavam levemente fragilizados (artigo nº três). Soares et al. (2021) apontam a distribuição de recursos para o atendimento à população na pandemia como um fator que pode refletir o ageísmo, além de analisarem algumas teorias que fundamentam os protocolos de atendimento e de priorização na pandemia (artigo nº oito). Rueda (2021) também defende que usar a idade como único critério para a triagem nos atendimentos durante a pandemia é uma prática do ageísmo (artigo nº 18). Todos os autores concordam que os protocolos em utilização e que têm a idade como critério de admissão hospitalar e de atendimento sustentam práticas de preconceito etário inaceitáveis e antiéticas, transgredindo os princípios da dignidade humana. Soares et al. afirmam que esta realidade ficou ainda mais evidenciada na pandemia da COVID-19; Erasmus sugere que os protocolos sejam revistos; Rueda defende que uma perspectiva interseccional pode auxiliar para diminuir o preconceito etário e melhorar a triagem nos serviços após a pandemia, ou seja, uma perspectiva que não considere apenas a idade, mas as várias características do paciente e do quadro clínico.

Curryer e Cook (2021) analisam os custos individuais, sociais e econômicos do ageísmo na pandemia. Os autores definem os principais custos como: custos econômicos (desemprego, aposentadoria, saúde); custos sociais (preconceito e discriminação); e custos individuais (distorção da autoimagem e problemas de saúde física e mental), e afirmam que estes custos aumentaram na pandemia. Como conclusão, os autores sugerem que questionar e combater o ageísmo, poderá diminuir consideravelmente os custos do preconceito etário (artigo nº nove).

As políticas públicas e os protocolos de atendimento foram analisados e criticados por quatro artigos (19,04%), com destaque para a distribuição de recursos na pandemia e para os critérios de admissão e tratamento hospitalar. Na literatura, é possível perceber que os critérios para a triagem hospitalar são diferentes de acordo com a estrutura governamental, o contexto de saúde no país, os recursos financeiros disponíveis, enfim, há uma diversidade de fatores a serem considerados na elaboração de um protocolo de triagem hospitalar. Mas, existem algumas premissas éticas e normativas que fazem parte destes documentos, como por exemplo, O *Sistema de Triagem Manchester*, que designa cinco prioridades clínicas, atribuídas durante a classificação de risco, estabelecendo uma cor a cada uma das categorias: emergência é vermelho; muito urgente é laranja; amarela é urgente; verde é pouco urgente; e azul é não urgente. Essas categorias representam um nível de gravidade do paciente, com um tempo de espera para o atendimento respectivo a cada uma. No Brasil e em Portugal, a cor branca é utilizada para classificar as situações que não se relacionam com queixa clínica e que podem surgir nos estabelecimentos clínicos e hospitalares (Costa et al., 2020; Jesus et al., 2021).

De acordo com Rueda (2021), autor de um dos artigos selecionados, a triagem tem uma fundamentação ética, pois se destina a obter o maior benefício com os recursos disponíveis. Mas, se os tipos de benefícios foram analisados, a pessoa mais velha tende a ser prejudicada: os benefícios podem ser compreendidos em relação

à sobrevivência de curto e de longo prazo. Na sobrevivência de curto prazo, o objetivo é salvar vidas, ter alta hospitalar. Nesse caso, quem tem mais condições de restabelecimento e/ou cura, tem prioridade. Na sobrevivência de longo prazo, quem tem mais tempo para viver, tem a prioridade. Portanto, os idosos são prejudicados nas duas situações, pois a maioria não tem mais condições de restabelecimento e nem têm mais tempo de vida do que os jovens.

Nos artigos analisados neste estudo, a característica criticada por todos foi o critério etário como um fator preponderante para a triagem hospitalar, o que foi utilizado na África do Sul, Itália, Espanha, Reino Unido e Canadá, de acordo com os artigos. O critério etário define que os mais jovens têm prioridade de atendimento independentemente da gravidade do estado do paciente. Assim, muitas pessoas mais velhas que poderiam ter sobrevivido se fossem admitidas em unidades de tratamento intensivo morreram porque receberam tratamento insuficiente para seu estado de saúde. Os artigos pontuam que as consequências dos protocolos de atendimento podem ser muito severas de acordo com a forma como se estruturam.

O ageísmo parece mesmo estar configurado como mais um importante “ismo” dos preconceitos, como afirma Palmore (2004), pois as atitudes ageístas já demonstram o efeito prejudicial para o indivíduo e para a sociedade de forma significativa, observada nos artigos selecionados neste estudo. As manifestações sociais, coletivas ou individuais em relação às pessoas mais velhas são próprias do ser humano, mas este preconceito é direcionado a uma condição que todo indivíduo alcançará ao envelhecer, o que faz deste preconceito uma agressão a si mesmo.

Conclusão

O preconceito etário é uma realidade no cotidiano mundial, com entornos mais marcados ou menos marcados de tempos em tempos. Mas, na atualidade, o ageísmo tomou proporções muito dimensionadas devido às mudanças

quanto ao valor social das pessoas mais velhas. A política de empregos, os valores estéticos, a distribuição de recursos, a seletividade das novas tecnologias são exemplos de espaços onde o preconceito etário e a discriminação têm sido as referências para as decisões e ações.

A pandemia da COVID-19 expôs o ageísmo de uma forma cruel, pois envolveu a morte e sofrimento de muitos, idosos, familiares, profissionais de saúde, enfim, de todos os envolvidos; e deixou claro alguns valores que os mais velhos têm na sociedade atual, como por exemplo, o de inutilidade social, de refugio populacional ou de empecilho para o desenvolvimento da sociedade, como demonstram a maioria dos artigos selecionados neste estudo. Os programas de proteção como horários específicos para idosos em estabelecimentos comerciais e de atendimento em geral, a vacinação com critério etário etc., tiveram um papel importante na saúde dos adultos mais velhos, o que é um aspecto positivo, apontado também pelos artigos desta revisão. Essas medidas, no entanto, significaram um motivo para aumentar ainda mais o preconceito e a agressão, pois muitas pessoas mais jovens se sentiram preteridas nas determinações e protocolos de saúde na pandemia. Também é indiscutível que os critérios dos protocolos precisam de constante reestruturação, como defendem os autores que analisaram estes protocolos, observando a ética e os princípios da dignidade humana; todos têm o direito de viver, independentemente da idade.

Assim, este estudo serve ao seu objetivo de descrever e analisar as discussões das produções científicas sobre o ageísmo no contexto da pandemia da COVID-19, considerando o universo de produções selecionadas. É essencial destacar a importância do tema: em primeiro lugar, o preconceito, seja de qual natureza for, é um sentimento e uma atitude que precisam ser combatidos; o resultado das manifestações do preconceito no mundo pode ser visto a cada momento nos noticiários que envolvem violência e desfechos trágicos. Em segundo lugar, o

preconceito etário nega ao homem a dignidade de envelhecer, de se orgulhar da própria história, de aprender durante toda a vida, além de ser um preconceito contra si mesmo, contra o percurso natural de todos.

Apesar desta revisão integrativa ter encontrado quatro categorias importantes da discussão sobre o ageísmo na pandemia, existem limitações no estudo, como: é um estudo que não incluiu todos os tipos de produção sobre o assunto, como teses, dissertações e comentários, o que certamente aumentaria o escopo do tema, além de considerar somente os idiomas português, inglês e espanhol na busca, pois a pandemia é, por natureza, global, e a produção científica também; portanto, as contribuições da produção científica em outros idiomas, que não esses, têm muito a contribuir para o estudo do ageísmo no contexto pandêmico. É importante que os estudos sobre o preconceito etário na pandemia da COVID-19 tenham cada vez mais alcance para que os sentimentos, crenças e atitudes que envolvem o preconceito sejam sempre questionados e evitados.

Contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram de forma igualitária para a realização deste estudo.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Achenbaum, W. A. (2014). Robert N. Butler, MD (January 21, 1927–July 4, 2010): Visionary leader. *The Gerontologist*, 54(1), 6-12. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt015>
- Apriceno, M., Lytle, A., Monahan, C., Macdonald, J., & Levy, S. R. (2021). Prioritizing health care and employment resources during COVID-19: Roles of benevolent and hostile ageism. *The Gerontologist*, 61(1), 98-102. <https://doi.org/10.1093/geront/gnaa165>

- Ayalon, L., & Cohn-Schwartz, E. (2021). Measures of self-and other-directed ageism and worries concerning COVID-19 health consequences: Results from a nationally representative sample of Israelis over the age of 50. *Plos One*, *16*(5), e0251577. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251577>
- Barrett, A. E., Michael, C., & Padavic, I. (2021). Calculated ageism: Generational sacrifice as a response to the COVID-19 pandemic. *The Journals of Gerontology: Series B*, *76*(4), e201-e205. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa132>
- Barth, N., Guyot, J., Fraser, S. A., Lagacé, M., Adam, S., Gouttefarde, P., Goethals, L., Bechard, L., Bongue, B., Fundenberger, H., & Célarier, T. (2021). COVID-19 and quarantine, a catalyst for ageism. *Frontiers in Public Health*, *9*, 1-7. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.589244>
- Broome, M. E. (2000). Integrative literature review for the development of concepts. In B. L. Rodgers & K. A. Knafl (Eds.), *Concept development in nursing* (2nd ed., pp. 231-250). Saunders.
- Bytheway, B. (2005). Ageism and age categorization. *Journal of Social Issues*, *61*(2), 361-374. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00410.x>
- Cary, L. A., Chasteen, A. L., & Remedios, J. (2017). The ambivalent ageism scale: Developing and validating a scale to measure benevolent and hostile ageism. *The Gerontologist*, *57*(2), e27-e36. <https://doi.org/10.1093/geront/gnw118>
- Castells, M. (2005). *A sociedade em rede* (Vol. 1, No. 6). Paz e Terra.
- Costa, J. P. D., Nicolaidis, R., Gonçalves, A. V. F., Souza, E. N. D., & Blatt, C. R. (2020). Acurácia do Sistema de Triagem de Manchester em um serviço de emergência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, *41*, e20190327. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190327>
- Costa, R. M. A. S. (2021). Ageísmo em tempos de pandemia: Desvelando o preconceito contra idosos no Brasil. *Revista Longeviver*, *3*(9). <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/866/947>
- Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro-ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *25*(4), 509-518. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006>
- Cuddy, A. J. C., & Fiske, S. T. (2002). Doddering but dear: Process, content, and function in stereotyping of older person. In T. Nelson (Ed.), *Ageism stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 3-26). Bradford Books.
- Curryer, C., & Cook, P. S. (2021). Counting the costs of ageism: Discrimination and COVID-19. *Australasian Journal on Ageing*, *40*, 237-240. <https://doi.org/10.1111/ajag.12993>
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, *16*(34), 49-70. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>
- Díaz, G. A. M. (2017). Panóptico digital. La falsa percepción de privacidad en Internet. *PsicoEducativa: Reflexiones y Propuestas*, *3*(5), 8-14. <https://psicoeducativa.iztacala.unam.mx/revista/index.php/rpsicoedu/article/view/68>
- Erasmus, N. (2020). Age discrimination in critical care triage in South Africa: The law and the allocation of scarce health resources in the COVID-19 pandemic. *South African Medical Journal*, *110*(12), 1172-1175. <https://doi.org/10.7196/SAMJ.2020.v110i12.15344>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, *82*(6), 878-902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.878>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. In M. P. Zana (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 33, pp. 115-188). Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(01\)80005-8](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(01)80005-8)
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, *31*(111), 411-434. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200007>
- Graf, A. S., & Knepple Carney, A. (2021). Ageism as a modifying influence on COVID-19 health beliefs and intention to social distance. *Journal of Aging and Health*, *33*(7-8), 518-530. <https://doi.org/10.1177/0898264321997004>
- Harper, S. (2021). The COVID-19 pandemic and older adults: Institutionalised ageism or pragmatic policy? *Journal of Population Ageing*, *13*(4), 419-425. <https://doi.org/10.1007/s12062-020-09320-4>

- Hopf, S., Walsh, K., Flynn, E., & Georgantzi, N. (2021). The relationship between ageism and well-being as mediated through COVID-19: Related experiences and discourses. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(19), 10490. <https://doi.org/10.3390/ijerph181910490>
- Jen, S., Jeong, M., Kang, H., & Riquino, M. (2021). Ageism in COVID-related newspaper coverage: The first month of a pandemic. *The Journals of Gerontology: Series B*, 76(9) 1904-1912. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbab102>
- Jesus, A. P. S. D., Okuno, M. F. P., Campanharo, C. R. V., Lopes, M. C. B. T., & Batista, R. E. A. (2021). Sistema de Triagem de Manchester: Avaliação em um serviço hospitalar de emergência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(3), e20201361. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1361>
- Kornadt, A. E., Albert, I., Hoffmann, M., Murdock, E., & Nell, J. (2021). Perceived ageism during the Covid-19-crisis is longitudinally related to subjective perceptions of aging. *Frontiers in Public Health*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.679711>
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia Social: Temas e teorias* (2a ed., pp. 589-640). Technopolitik. ISBN 798-85-92918-30-9
- Lytle, A., Apriceno, M., Macdonald, J., Monahan, C., & Levy, S. R. (2020). Pre-pandemic ageism toward older adults predicts behavioral intentions during the COVID-19 pandemic. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 77(4), e11-e15. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa210>
- Monahan, C., Macdonald, J., Lytle, A., Apriceno, M., & Levy, S. R. (2020). COVID-19 and ageism: How positive and negative responses impact older adults and society. *American Psychologist*, 75(7), 887-896. <https://doi.org/10.1037/amp0000699>
- Moura, M. L. S. D. (2021). Idosos na pandemia, vulnerabilidade e resiliência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24(1), 1-3. <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.210060>
- Moreira, J. D. O. (2012). Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 451-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000400003>
- Myers, D. G. (2014). *Psicologia Social* (10a ed.). AMGH Editora. ISBN 0073370665/9780073370668
- Naughton, L., Padeiro, M., & Santana, P. (2021). The twin faces of ageism, glorification and abjection: A content analysis of age advocacy in the midst of the COVID-19 pandemic. *Journal of Aging Studies*, 57, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2021.100938>
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005
- Neri, M. (Coord.). (2020). *Onde Estão os Idosos? Conhecimentos contra a Covid-19*. Centro de Políticas Sociais – Fundação Getúlio Vargas. <https://cps.fgv.br/Covid-Idosos>
- Ng, R., Chow, T. Y. J., & Yang, W. (2021). Culture linked to increasing ageism during Covid-19: Evidence from a 10-billion-word corpus across 20 countries. *The Journals of Gerontology: Series B*, 76(9). <https://doi.org/10.1093/geronb/gbab057>
- Palmore, E. (1999). *Ageism: Negative and positive* (2nd ed.). Springer Publishing Company. ISBN 082617003X
- Palmore, E. B. (2004). Research note: Ageism in Canada and the United States. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 19(1), 41-46. <https://doi.org/10.1023/B:JCCG.0000015098.62691.ab>
- Rueda, J. (2021). Ageism in the COVID-19 pandemic: Age-based discrimination in triage decisions and beyond. *History and Philosophy of the Life Sciences*, 43(3), 1-7. <https://doi.org/10.1007/s40656-021-00441-3>
- Skipper, A. D., & Rose, D. J. (2021). #BoomerRemover: COVID-19, ageism, and the intergenerational twitter response. *Journal of Aging Studies*, 57, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2021.100929>
- Soares, T. S., Corradi-Perini, C., Macedo, C. P. L. D., & Ribeiro, U. R. V. D. C. O. (2021). Covid-19 e ageismo: Avaliação ética da distribuição de recursos em saúde. *Revista Bioética*, 29(2), 242-250. <https://doi.org/10.1590/1983-80422021292461>

- Swift, H. J., & Chasteen, A. L. (2021). Ageism in the time of COVID-19. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(2), 246-252. <https://doi.org/10.1177/1368430220983452>
- Uchôa, E. (2003). Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 849-853. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300017>
- United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2022). *World Population Prospects 2022: Summary of Results*. UN DESA/POP/2022/TR/NO. 3. https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/wpp2022_summary_of_results.pdf
- Visintin, E. P. (2021). Contact with older people, ageism, and containment behaviours during the COVID-19 pandemic. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 31(3), 314-325. <https://doi.org/10.1002/casp.2504>
- Werner, P., AboJabel, H., & Tur-Sinai, A. (2022). Ageism towards older and younger people in the wake of the COVID-19 outbreak. *Maturitas*, 157, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2021.11.002>
- World Health Organization. (2021). *Global report on ageism*. CC BY-NC-SA 3.0 IGO

Recebido: 05/07/2022
1ª revisão: 08/08/2022
Aceite final: 15/08/2022



© O(s) autor(es), 2022. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.